

Análise do comportamento e cultura: impactos histórico-culturais no reforço de padrões comportamentais racistas no Brasil

1 Natanael Franca Souza ⁱ 

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil

Gabriel Santana de Souza ⁱⁱ 

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil

Maria Heloísa Bitencourt de Souza Xavier ⁱⁱⁱ 

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil

Bruna Silva Souto ^{iv} 

Centro Universitário de Excelência - UNEX, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil

Gênesis Guimarães Soares ^v 

Centro Universitário de Excelência - UNEX, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil

Resumo

Este artigo analisa os impactos histórico-culturais no reforço de padrões comportamentais racistas no Brasil, correlacionando o processo de escravidão com as práticas racistas ainda presentes na sociedade. Por meio de uma revisão de literatura narrativa, realizada de forma não sistemática, entre agosto e setembro de 2024, o estudo utiliza a ciência da Análise do Comportamento como ferramenta teórica para compreender como esses padrões são construídos e mantidos. Desta forma, a análise funcional molecular foi empregada para exemplificar agressões racistas por meio da construção de contingências, enquanto o conceito de equivalência de estímulos demonstrou como comportamentos discriminatórios são aprendidos e generalizados. Assim, o artigo destaca que o racismo no Brasil não é uma anomalia social, mas um produto das estruturas históricas e culturais, reforçado por práticas sociais e políticas que perpetuam a exclusão e a marginalização da população negra. Conclui-se que intervenções comportamentais e educativas são necessárias para desestruturar padrões prejudiciais e promover mudanças efetivas na sociedade. Sugere-se a ampliação de pesquisas que integrem a Análise do Comportamento com estratégias educacionais voltadas para questões étnico-raciais.

Palavras-chave: Racismo estrutural. Análise do Comportamento. Contingências culturais.

Analysis of behavior and culture: historical-cultural impacts on the reinforcement of racist behavioral patterns in Brazil

Abstract

This article analyzes the historical-cultural impacts on the reinforcement of racist behavioral patterns in Brazil, correlating the process of slavery with the racist practices still present in society. Through a narrative literature review, conducted non-systematically between August and September 2024, the study uses the science of Behavior Analysis as a theoretical tool to understand how these patterns are constructed and maintained. Molecular functional analysis was employed to exemplify racist aggressions through

the construction of contingencies, while the concept of stimulus equivalence demonstrated how discriminatory behaviors are learned and generalized. The article highlights that structural racism in Brazil is not a social anomaly but a product of historical and cultural structures, reinforced by social and political practices that perpetuate the exclusion and marginalization of the black population. It is concluded that behavioral and educational interventions are necessary to deconstruct harmful patterns and promote effective changes in society. Further research integrating Behavior Analysis with educational strategies focused on ethnic-racial issues is also suggested.

Keywords: Structural Racism. Behavior Analysis. Cultural Contingencies.

2

1 Introdução

O processo histórico-cultural brasileiro, constituído pela escravidão durante o período colonial e segregação de grupos étnicos, é responsável por impor diversas perspectivas preconceituosas a respeito da população negra no Brasil. Desse modo, o objetivo deste trabalho é correlacionar o processo de escravidão com os padrões comportamentais racistas ainda existentes na sociedade brasileira, evidenciando a influência deste acontecimento histórico com a visão racista dos sujeitos. Com isso, esperamos refletir, por meio da Análise do Comportamento, a construção destes padrões comportamentais, demonstrando de que forma são reforçados.

De acordo com Almeida (2019), o racismo pode ser compreendido como uma forma de preconceito que tem a raça como fundamento, e que por meio de práticas terminam em desvantagens ou privilégios para certos grupos raciais. Essas práticas discriminatórias não se limitam ao nível individual, estendendo-se às instituições, meios de comunicação e à cultura de maneira ampla. Para que o racismo se perpetue, é necessária uma construção social que associe características biológicas e culturais à raça.

No contexto das grandes navegações, o colonialismo foi caracterizado pelo uso da mão de obra africana, intensificando a depreciação do negro no Brasil. Em uma sociedade construída sobre a exploração compulsória do trabalho, o negro foi trazido com o propósito específico de desempenhar essa função. A grande lavoura colonial, por sua vez, não se preocupava com o bem-estar dos trabalhadores, mas

estava inteiramente voltada para a produção destinada à atividade mercantil (Pinsky, 1993).

Após a “abolição da escravatura”¹, o país passou por uma tentativa de branqueamento com a vinda de europeus para o território brasileiro. Segundo Almeida (2019, p.48): “[...] a admiração e a valorização das características físicas e dos padrões de ‘beleza’ dos povos europeus é também um indicador de quais indivíduos e grupos são considerados os ocupantes naturais de lugares de poder e destaque [...]”.

Posteriormente à “abolição”, os negros foram substituídos por imigrantes europeus incentivados a ocupar seus postos de trabalho. Consequentemente, entende-se que a população negra, sem amparo para sua reestruturação social e privada de direitos fundamentais básicos, como moradia, foi afastada dos grandes centros urbanos, sendo destinada a viver nas periferias, o que intensificou sua exclusão social e relegou-a a condições ainda mais precárias.

Dentro desta perspectiva, o racismo estrutural é uma consequência desse processo histórico, cujas sequelas se perpetuaram até os dias atuais. O racismo é resultado da própria estrutura social que trata como “normal” os padrões de relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma anomalia social ou institucional, mas uma forma de funcionamento profundamente enraizada na sociedade (Almeida, 2019).

Sendo assim, para Parks e Kirby (2022), a raça pode ser definida de duas formas, sendo elas a atribuição categórica e o tato, com base nas características físicas dessa pessoa, incluindo a cor da pele. Logo, é possível concluir por meio do raciocínio de Passarelli *et al.* (2023, p. 3) que: “[...] enquanto a ‘raça’ é considerada um ‘tato’ que divide seres humanos em diferentes categorias raciais, o racismo é o produto dessa categorização racial, em que são designados atributos a um grupo étnico [...]” (Cavalleiro, 2004 apud Passarelli *et al.*, 2023, p.3). Portanto, esta divisão resulta em padrões comportamentais discriminatórios (Passarelli *et al.*, 2023).

¹ “Abolição da escravatura”, uma vez que o projeto assinado pela Princesa Isabel marca o fim da escravidão no Brasil, porém, a lei não assegurou os direitos básicos para a população negra, dessa forma, sem apresentar efeito imediato em suas vidas, os mesmos ficaram à mercê do governo, sofrendo com más condições de vida, trabalho e privação de recursos.

Compreendendo o racismo como práticas comportamentais individuais e grupais, a Análise do Comportamento, uma ciência e abordagem com o objeto de estudo do comportamento, torna-se uma ferramenta essencial para abordar essa questão. Por meio disso, tal ciência busca compreender o comportamento humano a partir de sua interação com o ambiente. Para ela, o ambiente não representa apenas um lugar físico, pois contém variáveis mecânicas e sociais (Moreira; Medeiros, 2019).

4

Ao investigar como comportamentos racistas são aprendidos e mantidos em diferentes contextos históricos e sociais, a Análise do Comportamento pode contribuir para a compreensão a partir de outra perspectiva. Para isso, o presente artigo trata-se de uma revisão de literatura narrativa, que, segundo Rother (2007), tem como objetivo descrever e discutir o desenvolvimento de um determinado assunto, a partir de um ponto de vista teórico ou contextual. A seleção dos materiais foi realizada de forma não sistemática, de agosto a setembro de 2024. Foi realizada uma busca de textos com relação direta a temática (livros e artigos científicos), que apresentassem relevância teórica ou contextual, selecionados e analisados de forma qualitativa.

2 Análise do Comportamento: conceitos básicos

Ao longo do tempo, a psicologia enfrentou dificuldades para se consolidar como uma ciência e definir seu foco de estudo, pois muitos dos fenômenos analisados não podiam ser observados de maneira concreta e objetiva. Entre as diversas teorias e abordagens que surgiram, o Behaviorismo Radical se destacou como uma filosofia capaz de fornecer um conjunto de ideias estruturadas para a ciência conhecida como Análise do Comportamento (Baum, 2019).

Historicamente, acreditava-se que a mente residia separada do corpo, e essa visão permaneceu, reforçada por crenças teológicas. No século XVII, filósofos idealistas, como René Descartes, consolidaram essa ideia com a teoria do dualismo (Gazzaniga; Heatherton; Halpern, 2018). Na concepção idealista, é comum a existência de uma atribuição causal, uma relação entre causa e efeito que não

necessariamente apresentam relação, ou seja, para o idealismo a causa dos comportamentos está nas ideias.

Com isso, o idealismo estabelece um dualismo mente x corpo, já que a mente é responsável pelo comportamento. Entretanto, para o Behaviorismo Radical, filosofia da Análise do Comportamento, os comportamentos observáveis e as ideias estão na mesma dimensão natural, uma concepção monista, ambos representam causas naturais, uma vez que são reais e passíveis de observação, ainda que só do próprio indivíduo (Guimarães, 2003).

O psicólogo John B. Watson, em 1913, publicou sua obra *“Psychology as the behaviorist views it”*, considerado o manifesto do behaviorismo, criticando a psicologia por depender de métodos subjetivos, como a introspecção (Baum, 2019). Watson acreditava que a psicologia precisava abandonar o estudo de eventos mentais que não podiam ser observados diretamente para se consolidar como ciência. Ele rejeitou métodos como a introspecção e a associação livre, desenvolvendo o behaviorismo, que destaca os efeitos do ambiente sobre o comportamento observável (Gazzaniga; Heatherton; Halpern, 2018).

Ainda assim, Watson lançou as bases do behaviorismo, que posteriormente evoluiu com a contribuição de B.F. Skinner, dando origem ao Behaviorismo Radical, que desafiou o dualismo entre eventos mentais e comportamentais, propondo que todos os fenômenos – sejam eles públicos ou privados – têm a mesma natureza. O termo “mentalismo” foi adotado por Skinner para explicar uma espécie de dualismo que separa os eventos mentais dos eventos comportamentais. A partir disso, na visão skinneriana é estabelecida uma distinção de eventos. Eventos públicos são aqueles passíveis de observação e relato por mais de uma pessoa; enquanto os eventos privados representam pensamentos, sentimentos e sensações (Baum, 2019).

Para o Behaviorismo Radical, os sentimentos como raiva, paixão, ódio ou qualquer outro, são os próprios comportamentos. Essa filosofia não rejeita a introspecção, apenas não considera sentimentos ou emoções como os causadores do comportamento, mas sim como maneiras de se comportar, a exemplo disso, um

comportamento de agressão já representa a própria raiva, e não um resultado dela, mas sim de um estímulo externo ao indivíduo (Guimarães, 2003).

A aprendizagem pode ser entendida como uma mudança relativamente permanente no comportamento, resultante da experiência, permitindo que o organismo adapte melhor seu comportamento ao ambiente e esteja mais preparado para lidar com ele no futuro. No contexto do condicionamento clássico, ou pavloviano, essa adaptação ocorre quando um estímulo neutro passa a induzir uma resposta após ser associado a um estímulo que já produz tal resposta, ou seja, o sujeito aprende que um evento prediz o outro.

O condicionamento operante é um processo de aprendizagem no qual as consequências de uma ação determinam a probabilidade de sua repetição, com o ser humano ou animal estabelecendo associações entre eventos que pode controlar (Gazzaniga; Heatherton; Halpern, 2018).

É necessário estabelecer as diferenças entre o behaviorismo metodológico e radical, a partir de seus paradigmas, uma vez que a maioria das críticas feitas a Skinner, são na verdade críticas ao behaviorismo de Watson, o metodológico. Watson ao ser influenciado por Pavlov, desenvolveu um paradigma de comportamento ($S \rightarrow R$), o estímulo- resposta. Porém, esse paradigma só é capaz de explicar comportamentos reflexos, já que o mesmo conclui que toda resposta é eliciada por um estímulo específico (Guimarães, 2003).

Com isso, para explicar os comportamentos de forma abrangente, Skinner desenvolve uma noção de comportamento operante, cuja a primeira causa não está determinada, mas sua consequência pode ser observada. O paradigma de Skinner determina a saída do $S \rightarrow R$ para o $R \rightarrow S$, onde R será o comportamento e S a consequência, reforçadora ou punitiva (Guimarães, 2003).

É importante destacar que o contexto influencia diretamente a probabilidade de um comportamento ocorrer. O termo "contexto" refere-se a um conjunto de estímulos antecedentes, que desempenham diferentes funções e afetam as chances de o comportamento acontecer. Os comportamentos operantes ocorrem na presença de uma infinidade de estímulos antecedentes, que, ao evocar o

comportamento, modificam o ambiente e influenciam sua probabilidade de ocorrência (Moreira; Medeiros, 2019).

Um reforçador é um estímulo que ocorre após uma resposta e aumenta a probabilidade de ela ser repetida. Skinner acreditava que muitos comportamentos, como comer, estudar ou dirigir no lado correto da pista, ocorrem porque são reforçados. Neste sentido, o reforço pode ser tanto positivo quanto negativo, influenciando diretamente a repetição de comportamentos aprendidos (Gazzaniga; Heatherton; Halpern, 2018).

O reforço positivo, também conhecido como recompensa, aumenta a probabilidade de um comportamento ser repetido por meio da adição de um estímulo agradável após a ação, enquanto isso, o reforço negativo tem o mesmo efeito, mas por meio da remoção de um estímulo desagradável. A diferença entre os dois reforços não está em seu valor moral, mas no fato de que o reforço positivo adiciona algo, enquanto o negativo remove algo aversivo (Gazzaniga; Heatherton; Halpern, 2018).

A punição apresenta um efeito oposto ao reforço, diminuindo a probabilidade de ocorrência do comportamento. A punição positiva é o acréscimo de um estímulo aversivo, enquanto a punição negativa é a remoção de um estímulo agradável (Gazzaniga; Heatherton; Halpern, 2018).

Além dos princípios de reforço e punição, outros conceitos fundamentais na Análise do Comportamento são a generalização de estímulos, a modelagem e a modelação. A generalização de estímulos representa o ato de reforçar uma resposta na presença de um estímulo ou situação, a partir disso a resposta se torna mais provável de ocorrer na presença dos mesmos elementos. A modelagem é definida como o desenvolvimento de um novo comportamento operante pelo reforço de constantes aproximações do comportamento desejado, além da extinção das aproximações anteriores, para que com isso o novo comportamento aconteça. Já a modelação é um procedimento onde um determinado comportamento é apresentado ao indivíduo na intenção de que o mesmo apresente um comportamento similar (Martin; Pear, 2018).

Assim como outros tipos de comportamento operante, o comportamento verbal também está sujeito às mesmas leis de reforço, punição e generalização discutidas anteriormente. O comportamento verbal é um tipo de comportamento operante que faz parte de uma categoria comportamental mais ampla chamada "comunicação". A comunicação ocorre quando o comportamento de um organismo gera estímulos que afetam o comportamento de outro organismo (Baum, 2019).

8

No entanto, nem toda forma de comunicação é comportamento verbal; este último, por ser operante, depende não só dos estímulos antecedentes, mas também das consequências que reforçam a ação. Para que uma ação seja classificada como comportamento verbal, ela exige a presença de outra pessoa que funcione como ouvinte, sendo essa a responsável por fornecer o reforço (Baum, 2019).

O comportamento verbal, em grande parte, depende de reforços sociais, pois é o ouvinte quem reforça as respostas verbais do falante, criando uma interação essencial para que a comunicação se estabeleça. Tanto para a criança que está aprendendo a falar quanto para o adulto que já domina a linguagem, o papel do ouvinte é fundamental. Sem a presença de ouvintes ou da comunidade verbal ao redor, o comportamento verbal não poderia ser adquirido ou mantido. À medida que crescemos e nos inserimos na cultura ao nosso redor, também aprendemos a desempenhar o papel de ouvintes, reforçando continuamente as interações verbais e contribuindo para a manutenção da comunicação dentro da sociedade (Baum, 2019).

3 Análise funcional

A análise funcional caracteriza-se como um instrumento básico de trabalho dos analistas de comportamento (Nery; Fonseca, 2021). Esta ferramenta representa a busca pelos determinantes de um comportamento e, sob uma perspectiva behaviorista radical, estes determinantes se encontram na interação entre indivíduo e meio. O objetivo das análises funcionais é compreender a relação entre os comportamentos dos indivíduos e os determinantes ambientais (Moreira; Medeiros, 2019). O analista do comportamento busca identificar contingências no presente e

as contingências que operam no passado a partir de uma observação direta ou relato comportamental (Meyer, 2001).

A partir da Análise Funcional, o presente artigo busca construir contingências de comportamentos/padrões racistas por meio de um contexto cultural, o que infere a relação com os três níveis de seleção: filogênese, ontogênese e cultura. Estes três níveis de seleção do comportamento sempre estarão atuando de forma conjunta. O nível filogenético representa a história de vida da espécie e as suas condições biológicas. O nível ontogenético representa a história de vida do indivíduo, a história pessoal, o desenvolvimento e as experiências do mesmo. Já o último nível, o cultural, é representado por práticas culturais que moldam todos os outros níveis (Moreira; Medeiros, 2019). Dentro disso, será feito uma análise funcional de comportamentos racistas, padrões que se estabelecem por meio da cultura.

9

3.1 Análises funcionais moleculares (microanálises)

A análise funcional molecular envolve a análise de contingências pontuais para a compreensão de determinados comportamentos em contextos específicos, essa composição é a base para análises mais amplas, as análises molares (Nery; Fonseca, 2021). Análises moleculares configuram relações funcionais entre eventos antecedentes (contexto, lugar físico, presença de pessoas, etc.), uma resposta ou classes de respostas e as consequências que elas podem produzir (que podem ser reforçadoras ou punitivas) (Mizael; Farias, 2023).

O Quadro 1, descrito abaixo, corresponde a exemplificação de possíveis interações entre pessoas brancas e não-brancas em casos específicos de preconceito. Essa é uma construção de uma análise funcional molecular, que leva em consideração o contexto histórico-cultural da sociedade brasileira a partir da demonstração de falas e atitudes racistas no cotidiano.

Quadro 1 - Analise funcional molecular.

Antecedentes para a pessoa branca	Respostas da pessoa branca	Consequências para a pessoa branca	Processos
Representatividade excessiva de pessoas brancas em papéis de protagonismo	"Os brancos são os melhores!"	Concordância por parte do seu grupo social	Reforço positivo (pessoa branca se sente confiante em apresentar sua opinião)
Presença de pessoa não-branca no ambiente	Pessoa branca faz piada racista	Risadas dos membros do grupo	Reforço positivo (pessoa branca se sente confortável em realizar a piada novamente)
Pessoa branca encontra artefato de religião de matriz africana	"Chuta que é macumba!"	Aceitação do comentário, ausência de repreensão pela sua fala	Reforço positivo (manutenção do pensamento preconceituoso)
Presença de pessoa não-branca em uma loja	Seguir a pessoa não-branca	Acreditar que está evitando um possível assalto	Reforço negativo (pessoa branca tem a interpretação de que evitou uma situação aversiva)

Fonte: Elaborado pelos autores, 2024.

4 Equivalência de estímulos

O condicionamento é fundamental para o modo como os animais aprendem a se adaptar aos seus ambientes. Ao aprenderem a antecipar quais comportamentos resultam em prazer ou dor, os animais desenvolvem novas respostas adaptativas. Neste processo, ocorre a aquisição de um novo comportamento. A aquisição refere-se à formação gradual de uma associação entre um estímulo condicionado e um estímulo não condicionado, demonstrando que o desenvolvimento dos comportamentos é profundamente influenciado pela relação entre o sujeito e o ambiente (Gazzaniga; Heatherton; Halpern, 2018). Uma vez que estímulos condicionados representam a necessidade de um processo de aprendizagem para apresentar determinada resposta, diferentemente dos estímulos incondicionados que estão relacionados a uma resposta específica em um organismo (Guimarães, 2003).

Da mesma forma que os comportamentos adaptativos são adquiridos através da associação entre estímulos, atitudes preconceituosas também podem ser aprendidas a partir das interações com o ambiente social. Ao longo do desenvolvimento, os indivíduos podem assimilar padrões de discriminação e racismo através da exposição a discursos, símbolos e práticas culturais que reforçam tais comportamentos.

11

Como aponta Almeida (2019), o racismo é uma consequência da estrutura social, manifestando-se nas formas 'normais' em que se organizam as relações políticas, econômicas, jurídicas e familiares. Não se trata de uma anomalia social ou um desvio institucional, mas sim de um fenômeno profundamente enraizado, ou seja, estrutural. Dessa forma, o aprendizado de comportamentos racistas reflete e reforça a própria organização social, tornando-se parte de um ciclo contínuo de reprodução de preconceitos.

Durante o processo de aprendizagem, inúmeros estímulos podem ser vinculados ao estímulo não condicionado, resultando na produção da resposta condicionada. Nesse contexto, surge o fenômeno da generalização do estímulo. A generalização de estímulo ocorre quando uma resposta reforçada na presença de um determinado estímulo ou situação passa a ser emitida também na presença de outro estímulo ou situação semelhante. Em vez de discriminar entre os dois estímulos e responder de forma distinta a cada um, o indivíduo reage de maneira similar a ambos (Martin; Pear, 2018).

Estímulos similares podem ser agrupados em uma classe de estímulos; contudo, para que um novo estímulo seja incorporado a essa classe, é essencial que as respostas comuns à classe sejam reforçadas na presença desse estímulo (Moreira, Medeiros, 2019). No contexto do racismo estrutural, isso pode ocorrer quando características físicas ou culturais de indivíduos de grupos racializados são associadas a respostas preconceituosas, formando uma classe de estímulos por similaridade.

4.1 Equivalência de Estímulos e a Perpetuação do Racismo Estrutural no Brasil

A história do Brasil desempenha um papel fundamental no reforço de padrões racistas em classes por similaridade, especialmente por meio da herança colonial e escravocrata. Para Almeida (2019) a ideologia europeia dominante baseou-se no racismo e na ideia de progresso. Os povos que vinham da África eram vistos como inferiores e precisavam ser salvos da sua própria ruína.

Esta ideologia racista, somada ao discurso pseudocientífico do darwinismo social, que postulava uma superioridade natural ao homem branco, foram utilizados como ferramenta para os assassinatos e a escravidão dos povos vindos da África. Essas associações históricas reforçaram a ideia de que características físicas, como a cor da pele, traços faciais e textura do cabelo, definem não apenas o pertencimento racial, mas também o valor social e moral dos indivíduos.

Quando um comportamento preconceituoso é condicionado a um membro de uma classe de equivalência de estímulo, ocorre a generalização dessa resposta aos demais membros da classe, uma vez que há uma resposta previamente aprendida de maneira similar para todos eles. (Martin; Pear, 2018). Assim, o racismo se perpetua pela associação de comportamentos discriminatórios a todos os indivíduos que compartilham características físicas ou culturais dentro dessa classe, reforçando o preconceito e a exclusão social.

Após a abolição da escravatura, em vez de reparar estas associações, as estruturas sociais e políticas mantiveram a exclusão e a marginalização da população negra, perpetuando as respostas discriminatórias. Assim, a associação automática entre características físicas de pessoas negras e respostas preconceituosas continua a ser transmitida, reforçando o racismo nas classes de estímulos por similaridade (Almeida, 2019).

Por outro lado, essas classes também podem ser formadas por estímulos que não compartilham similaridades formais (Moreira; Medeiros, 2019). No caso do

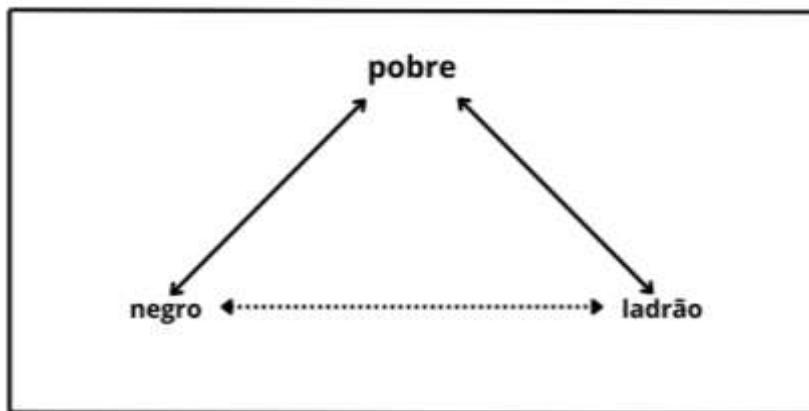
racismo – nas chamadas classes funcionais – diferentes estímulos (como sotaque, vestimenta ou ocupação) podem evocar as mesmas respostas discriminatórias por servirem de gatilho para preconceitos raciais, ainda que não possuam semelhança física.

13

A história do Brasil reforça padrões racistas nas classes por função ao associar comportamentos, papéis sociais e contextos de vida de pessoas negras a estereótipos e respostas discriminatórias, independentemente de suas características físicas. Isso ocorreu durante e após a escravidão, quando pessoas negras foram designadas a funções subalternas e precarizadas, como trabalho braçal, doméstico e serviços pouco valorizados, reforçando a ideia de que sua presença está vinculada a esses papéis sociais (Ribeiro, 1995). Nas chamadas classes por função, os estímulos não precisam compartilhar similaridades físicas, mas evocam a mesma resposta por cumprirem a mesma função social (Moreira; Medeiros, 2019).

O paradigma de equivalência de estímulos tem sido uma abordagem utilizada para estudar as atitudes de indivíduos (Sidman, Tailby, 1982; Sidman, 1994). Este paradigma consiste no estudo de como estímulos sem similaridade física podem se tornar substituíveis entre si, a partir dele são realizados testes que irão verificar a relação entre estímulos que não foram estabelecidos diretamente, ou seja, dentro de uma perspectiva analítica-comportamental é possível entender como algumas avaliações de pessoas são realizadas na ausência de qualquer experiência direta com determinados estímulos (Mizael; Santos; Rose, 2016).

O estudo de Sidman e Tailby (1982) aponta três propriedades que definem uma relação de equivalência de estímulos, são elas: reflexividade, simetria e transitividade. A reflexividade ocorre quando existe relação de cada um dos estímulos consigo mesmo dentro de um conjunto específico. A simetria está relacionada à reversibilidade das funções dos estímulos e a comparação relacionada condicionalmente como membros de dois conjuntos. Na propriedade de transitividade é necessário um terceiro conjunto de estímulos, como pode ser observado através da figura 1.

Figura 1 - Relação entre estímulos e aprendizagem indireta.

Fonte: Elaborado pelos autores, 2024.

Dessa forma, não é necessário ensinar todos os tipos de relações entre avaliações e julgamentos, uma vez que o indivíduo que aprende por meio da propriedade de transitividade as relações negro-pobre e pobre-ladrão, a partir do condicionamento do preconceito racial pode concluir e generalizar que todo negro é ladrão, surgindo uma nova relação que foi construída sem experiência direta com os estímulos negro-ladrão.

5 Considerações finais

O presente estudo evidenciou como o racismo estrutural no Brasil está enraizado em práticas históricas e culturais, perpetuadas ao longo dos séculos por meio de contingências comportamentais. A partir da abordagem da Análise do Comportamento, foi possível compreender os padrões racistas como produtos de uma interação contínua entre o ambiente cultural e as histórias de vida individuais. As análises funcionais destacaram como estímulos sociais e culturais reforçam atitudes discriminatórias, demonstrando que práticas racistas não são anomalias, mas fenômenos sistematicamente construídos e mantidos por estruturas sociais e políticas. Esse entendimento reforça a importância de intervenções que utilizem a

ciência comportamental para desconstruir padrões prejudiciais e promover mudanças efetivas.

Por fim, este trabalho sugere a ampliação de pesquisas que integrem a Análise do Comportamento com estratégias educacionais para questões étnico-raciais. Estudos futuros podem explorar como a equivalência de estímulos pode ser utilizada na formação de repertórios culturais mais inclusivos, enfatizando a desconstrução de preconceitos. Além disso, a aplicação de programas que promovam contingências reforçadoras de comportamentos pró-sociais e antirracistas se mostra essencial para a transformação da sociedade brasileira.

15

Referências

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

BAUM, W. M. **Compreender o Behaviorismo**: comportamento, cultura e evolução. Porto Alegre: Artmed, 2019.

CAVALLEIRO, E. S. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar**: Racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. Editora Contexto, 2004.

GAZZANIGA, M.; HEATHERTON, T.; HALPERN, D. **Ciência psicológica**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2018.

Guimarães, R. P. Deixando o preconceito de lado e entendendo o Behaviorismo Radical. **Psicologia: Ciência e Profissão**, 23, 60-67, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/Ks87MCpCYbMMNwXtQkB8Mhj/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 18 nov. 2024.

MARTIN, G.; PEAR, J. **Modificação do comportamento**: o que é e como fazer? São Paulo: Roca, 2018.

MEYER, S. B. O conceito de análise funcional. In: M. DELITTI (org.). **Sobre comportamento e cognição**: a prática da Análise do Comportamento e da Terapia Cognitivo Comportamental, v. 2, p. 29-34. São Paulo: ESETec, 2001.

MIZAEL, Tahcita Medrado; SANTOS, Silvana Lopes dos; DE ROSE, Julio Cesar Coelho. Contribuições do paradigma de equivalência de estímulos para o estudo das atitudes. **Interação em Psicologia**, v. 20, n. 2, 2016. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/46278>. Acesso em: 18 nov. 2024.

MIZAEL, T. M; FARIA, A. K. C. R. Análise funcional e microagressões. **Comportamento em foco**, v. 15, pp. 113—128, 2023. Disponível em: <https://abpmc.org.br/wp-content/uploads/2023/09/Comportamento-em-foco-V15.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2024.

MOREIRA, M. B. MEDEIROS, C. A. de. **Princípios básicos de Análise do Comportamento**. Porto Alegre: Artmed, 2019.

NERY, L. B.; FONSECA, F. N. Análises funcionais moleculares e molares: um passo a passo. In: DE-FARIAS, A. K. C. R;FONSECA, F. N.; NERY, L. B. Nery (Eds.). **Teoria e formulação de casos em análise comportamental clínica** (p. 434). Artmed, 2018.

NOGUEIRA, Oracy. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem. In: Anais XXXI Congresso Internacional de Americanistas. 1955. São Paulo, vol. I.

PASSARELLI, Denise Aparecida; RICO, Ariane Stamboni; SILVESTRE, Marcello Henrique. Contribuições da Análise do Comportamento para a Compreensão do Racismo. **Revista Brasileira de Análise do Comportamento**, v. 19, n. 1, jun. 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/rebac/article/view/14941/10276>. Acesso em: 18 nov. 2024.

PINSKY, Jaime. **A escravidão no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 1993.

PARKS, N.; KIRBY, B. The function of the police force: A behavior-analytic review of the history of how policing in America came to be. **Behavior Analysis in Practice**, 15, 1205-1212, 2022. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1007/s40617-021-00568-6>. Acesso em: 18 nov. 2024.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ROTHER, E. T. Revisão sistemática X revisão narrativa. **Acta Paulista De Enfermagem**, 20(2), v–vi, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-21002007000200001>. Acesso em: 18 nov. 2024.

SIDMAN, M. **Equivalence relations and behavior: A research story**. Boston, MA: Authors Cooperative, 1994.

SIDMAN, M., Tailby, W. Conditional discrimination vs. matching to sample: An expansion of the testing paradigm. **Journal of the Experimental Analysis of Behavior**, 37, 5-22, 1982. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/1982-25577-001>. Acesso em: 18 nov. 2024

SKINNER, B. F. **Verbal Behavior**. New York: Appleton-Century-Crofts, 1957.

ⁱ Natanael Franca Souza, ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-1723-1429>

Graduando em Psicologia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Análise do Comportamento e Educação (GEPAE/CNPq). Contribuição de autoria: Pesquisa e escrita do artigo.

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/7766190616106222>.

E-mail: francasouzanatanael662@gmail.com

ⁱⁱ Gabriel Santana de Souza, ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-5150-7789>

Graduando em Psicologia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).

Contribuição de autoria: Pesquisa e escrita do artigo.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6538772424473127>.

E-mail: gabrielsantsouza@outlook.com

ⁱⁱⁱ Maria Heloísa Bitencourt de Souza Xavier, ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-4487-3188>

Graduanda em Psicologia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).

Contribuição de autoria: Mapeamento dos estudos.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1009051095802626>.

E-mail: mariaheloisabitencourt@gmail.com

^{iv} Bruna Silva Souto, ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-3568-1868>

Graduanda em Psicologia pelo Centro Universitário de Excelência (UNEX). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Análise do Comportamento e Educação (GEPAE/CNPq). Desenvolve pesquisar enquanto pesquisadora de Iniciação Científica (PIBIC/UNIFTC).

Contribuição de autoria: Atuou enquanto monitora no processo de construção e revisão do artigo.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1307242062682955>.

E-mail: bruna.souto@ftc.edu.br

^v Gênesis Guimarães Soares, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4375-6065>

Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (PPGED/UESB). Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Análise do Comportamento e Educação (GEPAE/CNPq). Especialista em Análise do Comportamento. Especialista em Antropologia Cultural e Social pela Faculdade Focus. Especialista em Didática, Práticas de Ensino e Tecnologias Educacionais pela Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM). Graduado em Psicologia pelo Centro Universitário UNIFTC. Atua como docente no ensino superior, vinculado ao Colegiado de Psicologia do Centro Universitário de Excelência (UNEX) e da Faculdade Maurício de Nassau (UNINASSAU), ambos nos campi de Vitória da Conquista. Além disso, integra o corpo docente do curso de especialização em Gestão em Saúde Mental da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Contribuição de autoria: Orientador.

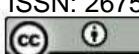
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8599614049235283>.

E-mail: genesis.soares@ftc.edu.br

Editora responsável: Arliene Stephanie Menezes Pereira Pinto

Recebido em 3 de março de 2025.

Aceito em 5 de maio de 2025.



Publicado em 12 de maio de 2025.

Como citar este artigo (ABNT):

SOUZA, Natanael Franca; SOUZA, Gabriel Santana de; XAVIER, Maria Heloísa Bitencourt de Souza; SOUTO, Bruna Silva; SOARES, Gênesis Guimarães. Análise do comportamento e cultura: impactos histórico-culturais no reforço de padrões comportamentais racistas no Brasil. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 6, n. 1, 2025.